

# Renda cria os guetos urbanos

BRASÍLIA — “É uma cidade apartada, com guetos divididos por perfis de renda”, aponta Mesias de Souza, secretário do Desenvolvimento Social do governo petista de Cristóvam Buarque. De cada seis habitantes do Distrito Federal apenas um vive no Plano Piloto, que tem uma das maiores rendas *per capita* da América Latina, calculada em US\$ 4.000 por habitante. No Plano Piloto, seis em cada 10 famílias têm renda mensal acima de 20 salários mínimos, todas têm casa (excluídas as *invasões*) com água e esgoto e um em cada três habitantes tem formação universitária. O excedente populacional, vindo em boa parte à caça dos lotes oferecidos pelo ex-governador Joaquim Roriz, foi empurrado para fora do Patrimônio da Humanidade, e formou um cinturão de cidades-satélites, vilas, agrovilas e *invasões*.

O Distrito Federal continua inchando, mas não há empregos para todos. O fim do *boom* da construção civil e a falta de indústrias — a prestação de serviços e o comércio respondem por 60% dos empregos — guindaram o desemprego a 15,3% de sua população economicamente ativa. O Distrito Federal tem hoje uma fila de 118.800 desempregados, um Maracanã de gente.

**Camelô** — Como o desemprego, o número de trabalhadores autônomos e vendedores ambulantes também cresce a cada dia: são 92.400 pessoas, um sexto da mão-de-obra trabalhadora. Os pontos centrais do Plano Piloto, como o Setor Comercial Sul, a Rodoviária e o estacionamento do Estádio Mané Garrincha (onde fica a chamada *Feira do Paraguai*, de produtos importados), e as cidades-satélites de Taguatinga e Ceilândia foram ocupados por milhares de camelôs.

A migração desenfreada trombou com o alto valor do solo urbano. Nos últimos tempos, as *invasões* têm se dirigido para uma área muito específica: os depósitos de lixo. “Onde o lixo é depositado, as pessoas se aglomeram. Lixo virou fonte de renda e local de moradia”, constata o arquiteto Sebastião Carneiro, secretário especial de Participação Popular, e coordenador do recém-criado grupo executivo que vai cuidar das ocupações urbanas no Distrito Federal. A maior das *invasões*, batizada de Lixão, na cidade do Guará, já tem 2.000 barracos. “Se não houver uma ação integrada dos governos local e federal, a médio prazo o Distrito Federal pode viver uma situação próxima do que se vê no Rio de Janeiro”, prevê Carneiro, que denuncia a existência de quadrilhas que incentivam a ocupação de terras públicas.